

Uma séria homenagem

Apesar de não ser um momento particularmente feliz para o vinho do Porto, pois acabámos de perder designações que até agora só nele podiam ser utilizadas, o Vintage continua a ser “rei”. E o que brilha mais alto é o de 2003, da casa Graham’s

Álvaro Roneberg
vida@oindependente.pt

A história da casa de vinho do Porto Graham’s confunde-se um pouco com a nossa própria história em termos comerciais. Corria o ano de 1820 quando os irmãos William e John Graham, que possuíam um escritório na cidade do Porto, receberam como pagamento de uma dívida 27 pipas de vinho do Porto. Este foi expedido para Glasgow e rapidamente se tornou muito popular, tornando-se, num par de passos, no principal negócio desta família. Hoje, esta empresa pertence ao principal produtor ligado ao vinho do Porto, a família Symington, sem esquecer ainda companhias com a Warre’s, a Dow’s, a Smith Woodhouse, a Quinta do Vesúvio e uma participação activa na revolução dos vinhos da Madeira, com a Madeira Wine Company. Voltando à Graham’s, as principais vinhas onde se recolhe a matéria-prima para os seus Por-



tos vem da Quinta dos Malvedos e da Quinta da Vila Velha. Estes são verdadeiros “ex-libris” deste produtor e conseguem,

ano após ano, originar Portos numa vasta gama que se estende entre as categorias especiais e os “correntes”.

Ao falar de vinho do Porto, há que distinguir ainda as chamadas categorias especiais, onde se inserem os Colheitas, os Datados, os L.B.V. e, no topo, os Vintage: o mais singular exemplo de uma região única como a do Douro. E apesar de haver bastantes produtores a fazer vinhos do Porto, muito poucos conseguem atingir o patamar de qualidade e excelência que é preciso ter para fazer um grande Vintage, como o são os da Graham’s. O último ano declarado Vintage foi o de 2003 – ano que me deixou confuso, pois quando comecei a provar os Vintage de diferentes casas todos eles se mostraram muito prontos a beber, não me parecendo serem Vintage clássicos, como escrevi há algum tempo atrás. Mas enganai-me. E percebi-o ao ficar literalmente abismado, quando provei os Vintage das casas principais. Com as profundas diferenças, pareciam pertencer a outra divisão, uma espécie de primeira liga. E um dos Vintage do século, que me surpreendeu bastante, foi o Graham’s 2003. Este vinho opaco, profundo e de grande voluptuosidade deixou-me completamente baralhado pois, apesar de se perceber que veio de um ano muito quente – logo, pareável de desequilíbrios –, revelou-se completamente diferente. É razão para dizer que isto da excepcionalidade é mesmo só para alguns.